

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

AS REPRESENTAÇÕES DE MULHER E SUAS RELAÇÕES INTERSECCIONAIS DE GÊNERO NAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS EM PSICOLOGIA SOCIAL NO PERÍODO DE 2012 À 2022

Adrielly de Oliveira Silva, (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Ariadne Besagio da Silva (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Gláucia Valéria Pinheiro de Brida (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: ra117466@uem.com

contato: ra123017@uem.com

Palavras-chave: Mulheres. Gênero. Interseccionalidade. Feminismo. Marcadores identitários.

INTRODUÇÃO

A constituição e percepção da mulher sobre si na contemporaneidade é produto de longo processo histórico de teorizações e construções sobre a mesma, de modo que cada momento histórico e seus entrelaçamentos com questões éticas, econômicas, políticas e sociais influam sobre sua subjetividade de acordo com os papéis sociais destinados ao seu corpo. No contexto brasileiro, isso ainda se intersecciona com o colonialismo, com a escravidão e especificidades culturais.

No âmbito da ciência, tais teorizações ocorreram em diversas áreas enfatizando o que é mulher, seu papel social, seu corpo e qual mulher poderia acessar essa ciência. A Psicologia, por exemplo, atuou na formulação de testes sobre a personalidade feminina, estudos sobre mulheres e a histeria, enfatizando esse corpo como local da insanidade, da loucura e do patológico. Isto porque a verdade científica não está isenta dos valores de sua época, a mesma parte desses processos sociais, inferindo certo imaginário coletivo e social de compreender o sujeito e a realidade que, de modo que as definições científicas sobre mulher, seu papel social, o corpo e a personalidade feminina não são verdades descobertas, mas construções sociais. Nesse sentido, a Psicologia Social é um campo privilegiado de produção de conhecimento sobre a mulher e também produz significâncias acerca das relações de gênero, portanto, é nessa direção que objetivamos com a presente pesquisa, investigar as representações de mulher e suas relações interseccionais de gênero nas publicações científicas em psicologia social no período de 2012 a 2022.

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

MÉTODO

A natureza da pesquisa desenvolvida é de cunho exploratório e de revisão bibliográfica. Portanto, no tocante ao percurso metodológico, foi realizado um levantamento das obras publicadas acerca do conceito de gênero na revista *Psicologia & Sociedade* da associação brasileira de Psicologia Social com o recorte temporal demarcado entre os últimos 10 anos de publicação, ou seja, a partir dos anos 2012 a 2022. Já no que concerne às palavras chaves, cita-se que foram utilizadas as seguintes palavras e possibilidades de interlocução entre elas: mulheres, psicologia social, gênero, feminismo, marcadores sociais ou identitários, sendo os critérios de exclusão os textos que não pertencem a esse recorte. Dessa forma, foi realizada uma revisão crítica das publicações científicas dentro desse recorte. O total bruto de artigos encontrados durante a pesquisa foi de 50 textos, sendo que 1 foi excluído devido ao não pertencimento integralmente do recorte proposto, restando 49 textos. Após a sistematização, procedeu-se com uma leitura e análise minuciosa das literaturas que ocasionou a construção de duas categorias empíricas.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

A primeira categoria empírica pretendeu investigar de que maneira a sexualidade é abordada, visto que esta representa 23,8% das categorias articuladas à gênero, aparecendo enquanto a mais expressiva. Portanto, no que diz respeito à sexualidade feminina, houve predominância de vivências atravessadas pela violência de gênero, em geral em decorrência da objetificação sexual da mulher. Novamente, tais fenômenos foram retratados na compreensão de si de crianças e adolescentes, no que tange a noção de vulnerabilidade diante da possibilidade de assédios, apresentadas por Freitas et al. (2021), e em aspectos da subjetivação feminina que apareceram no imaginário de meninas enquanto subordinadas financeira e sexualmente, através da objetificação da mulher conforme mostra Pizzinato et al, (2016). Esta objetificação também aparece em publicações que relatam assédios vividos, considerados por homens enquanto “cantadas”, evidenciando que o corpo feminino é “público” nos espaços públicos, em decorrência do que se chama cultura do estupro (TILIO et al., 2021).

No que diz respeito às temáticas relacionadas à sexualidade abordadas nas publicações, é relevante pontuar que dentre elas, ainda que façam críticas às estruturas binárias de gênero e práticas heterossexuais normativas, apenas duas fazem menção à relações amorosas e/ou sexuais entre mulheres e à vivências de pessoas não cisgêneras. As menções às vivências e

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

feminismo lésbico vão em direção de reivindicação por potencializar perspectivas tidas como dominados (Harding, 1987 apud Borges, 2014, p. 283), ou seja, os pontos de vista dentro do feminismo que propõe paradigmas a partir de vivências não eurocêntricas, não brancas e não heterossexuais, que possuem pouco reconhecimento. Contudo, a emergência de tais perspectivas evidencia uma crise do conceito de gênero, podendo este ser considerado um momento pós-gênero nas teorias feministas, conforme aponta (Braidotti 2004 apud Santos et al., 2016, p. 591).

No que tange às representações sobre vivências transsexuais e não binárias, aparecem novamente as perspectivas foucaultianas, em que tais maneiras de vivenciar suas identidades e sexualidades se caracterizam enquanto desvios da norma, e por muitas vezes patologizados em razão do discurso médico e discurso jurídico, de maneira que a validade de seus direitos não seja reconhecida (Fuchs, Hining e Toneli, 2021). Nessa perspectiva, as autoras ainda explicitam a psicologia como lugar de atuação que garanta o reconhecimento da vivência de gênero de pessoas transexuais e não binárias.

No que tange a construção da segunda categoria analítica, cita-se que visou investigar criticamente o uso da categoria gênero e também foi sistematizado as bases epistemológicas que dão bojo para a estruturação dos artigos analisados. Nessa tônica, de acordo com as análises gráficas realizadas ao longo da pesquisa, aponta-se que embora 52,9% dos textos abordam gênero em sua relação com o poder, ainda há 5,9% de textos que utilizam a categoria gênero para justificar visões dicotômicas como comportamentos relacionados a homens e mulheres, onde 11% dos textos discutem gênero apenas em relação com os papéis sociais e sem menção ao poder, 2% utilizam gênero como sinônimo de sexo e 15% dos textos apenas citaram gênero. Ademais, 46% dos textos que mencionam gênero para concretizar seus estudos e suas análises, não se utilizam de gênero como uma categoria útil para averiguar as relações e estruturas de poder dentro da sociedade. Ademais, 18% dos textos analisam gênero em sua relação com o poder, mas utilizando-se de outros autores como, por exemplo, Michel Foucault e apenas 36% dos artigos utilizam gênero dentro de uma base feminista. Nesse sentido, é crucial citar as contribuições de Lia Zanotta ao dizer que uso do termo gênero tem servido para acatar uma lógica binária no interior das instituições acadêmicas, de forma que “o uso do conceito de gênero se tornou cada vez mais generalizado no campo intelectual brasileiro e, embora, ainda que parcialmente, esteja sendo usado como sinônimo dos estudos de mulheres.” (ZANOTTA, 1998, p. 107).

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

13 a 14 de Abril de 2023

Nesse sentido, estudos que se utilizam da proposta de gênero, porém, sem a discussão das desigualdades de poder, são potencialmente produtores de maiores conflitos, devido a imprecisão do termo onde há uma utilização voltada para a diferenciação entre o feminino e o masculino ou gênero como sinônimo de homem ou mulher. Esse uso indiscriminado da categoria gênero não reconhece as estruturas sociais, o patriarcado, as relações de poder e a historicidade do conceito. Dessa forma, há também os estudos que partem das análises feministas de gênero, mas não tornam o conceito como um elemento central das análises. Portanto, é crucial atentar-se para uma perda do caráter político e emancipatório de gênero ao ser utilizado dessa maneira supracitada.

Por meio das análises gráficas, verificou-se também que as 4 autoras mais citadas por esses artigos foram as pensadoras Joan Scott, Judith Butler, Heleieth Saffioti, Donna Haraway. O que é necessário destacar é que, 78,3% das autoras feministas que apareceram para subsidiar teoricamente e intelectualmente os estudos de gênero nos artigos em questão, são compostos por autoras brancas, enquanto 13% são pretas, há uma autora amarela o que indica 4,3% e uma autora indiana. Ademais, embora haja discussões sobre gênero e mulheres indígenas, não são pontuadas por meio das próprias autoras indígenas que discutem gênero, pois autoras indígenas não foram utilizadas como base para os artigos em questão. Outro ponto a se evidenciar é sobre as referências e autoras de Norte e Sul, onde o primeiro refere-se aos países colonizadores e o segundo aos países colonos. Constatou-se que em 15 dos textos que utilizavam gênero enquanto paradigma, que 66,3% das autoras utilizadas como fonte teórica são do Norte enquanto 33,3% são do Sul, enfatizando uma aproximação eurocêntrica pelos conhecimentos e saberes teóricos do Norte, mesmo se tratando de uma revista brasileira. Nesse sentido, faz-se crucial acrescentar também as constatações das autoras Luana Carola dos Santos, Ana Berlado Carvalho, Julião Gonçalves Amaral, Larissa Amorim Borges e Claudia Mayorga no artigo de 2014 intitulado como *Gênero, feminismo e psicologia social no Brasil: análise da revista Psicologia & Sociedade (1996-2010)*. As autoras, na página 596-597, obtiveram conclusões semelhantes às desta pesquisa, enfatizando autores semelhantes que são citados de forma recorrente e que apontam para a exclusão das mulheres negras, latinas, lésbicas, amarelas e indígenas que, embora estejam produzindo acerca de gênero, praticamente não aparecem como referência para subsidiar teórico e conceitualmente as discussões presentes nos artigos selecionados na revista *Psicologia & Sociedade*. Por isso, torna-se urgente estudos direcionados ao pensar desse apagamento programático que envolve-se com o epistemicídio.

XI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA
ISSN: 2317-0018
Universidade Estadual de Maringá
13 a 14 de Abril de 2023

Em conclusão, espera-se que ocorram desdobramentos para estudos futuros que envolvam a ferramenta analítica da interseccionalidade e a lente de estudos decoloniais para que, dessa forma, seja possível não somente ter cuidados em relação ao epistemicídio e o apagamento; mas também que a prática do profissional em Psicologia possa ser embasada com uma literatura que alerte o profissional para tais questões, subsidiando-o a não atuar de forma comitente com as práticas elitistas e reproduzindo visões dicotômicas, perdendo o caráter político dos estudos de gênero.

Referências

BORGES, L. S.. Feminismos, teoria queer e psicologia social crítica: (re)contando histórias....
Psicologia & Sociedade, v. 26, n. Psicol. Soc., 2014 26(2), p. 280–289, maio 2014.

FREITAS, L. G. DE. et al.. Quando ser menina é ruim: percepções de gênero em crianças e adolescentes. *Psicologia & Sociedade*, v. 33, n. Psicol. Soc., 2021 33, p. e225927, 2021.

FUCHS, J. J. B.; HINING, A. P. S.; TONELI, M. J. F.. Psicologia e cisnormatividade. *Psicologia & Sociedade*, v. 33, n. Psicol. Soc., 2021 33, p. e220944, 2021.

PIZZINATO, A. et al.. Jovens mulheres do âmbito rural: gênero, projetos de vida e território em fotocomposições. *Psicologia & Sociedade*, v. 28, n. Psicol. Soc., 2016 28(3), p. 473–483, set. 2016.

SANTOS, L. C. et al. Gênero, Feminismo e Psicologia Social no Brasil: Análise da Revista *Psicologia & Sociedade* (1996-2010). *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, p.589-603, dec. 2016.

TILIO, R. D. et al.. Corpo feminino e violência de gênero: uma análise do documentário “Chega de fui fui”. *Psicologia & Sociedade*, v. 33, n. Psicol. Soc., 2021 33, p. e228620, 2021.

ZANOTTA, L. M. Gênero, um novo paradigma? *Cadernos Pagu*, Brasília, 1998: pp.107-125.